



**O ABSURDO, O SUICÍDIO E A REVOLTA:
UMA LEITURA CAMUSIANA DE A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**

ERICK SANTOS DA SILVA¹

RESUMO: Este artigo analisa o romance *A Biblioteca da Meia-Noite*, de Matt Haig, à luz da filosofia do absurdo formulada por Albert Camus, particularmente a partir das reflexões desenvolvidas em *O Mito de Sísifo*. Parte-se da hipótese de que a trajetória da protagonista, Nora Seed, pode ser compreendida como uma reelaboração literária das tensões entre a busca humana por sentido e a indiferença do universo, características da condição absurda. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter teórico-interpretativo, fundamentada em revisão bibliográfica e em uma leitura hermenêutica da obra literária. A análise evidencia que o romance não apenas tematiza o desespero existencial e a questão do suicídio, mas também aponta para uma afirmação da vida que se aproxima da noção camusiana de revolta, entendida como uma resposta lúcida e não escapista ao absurdo da existência. Conclui-se que *A Biblioteca da Meia-Noite* dialoga de forma consistente com a filosofia de Camus ao sugerir que a vivência autêntica do presente, apesar da ausência de um sentido transcendente, constitui uma possibilidade ética de afirmação da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Absurdismo. Albert Camus. Matt Haig. Literatura. Filosofia.

ABSTRACT: This article analyzes the novel *The Midnight Library*, by Matt Haig, in light of the philosophy of the absurd formulated by Albert Camus, particularly based on the reflections developed in *The Myth of Sisyphus*. It is argued that the trajectory of the protagonist, Nora Seed, can be understood as a literary reworking of the tension between the human search for meaning and the indifference of the universe, which characterizes the absurd condition. Methodologically, this is a qualitative, theoretical-interpretative study grounded in bibliographic review and a hermeneutic reading of the literary work. The analysis shows that the novel not only addresses existential despair and the issue of suicide but also points toward an affirmation of life that resonates with Camus' notion of revolt, understood as a lucid and non-escapist response to the absurdity of existence. It is concluded that *The Midnight Library* establishes a consistent dialogue with Camus' philosophy by suggesting that the authentic experience of the present, despite the absence of transcendent meaning, constitutes an ethical possibility for affirming life.

KEYWORDS: Absurdism. Albert Camus. Matt Haig. Literature. Philosophy.

¹ Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: erick.psicologia7@gmail.com.

A relação entre filosofia e literatura constitui um campo fecundo de investigação, especialmente quando se trata de pensar os modos pelos quais conceitos filosóficos são reelaborados, tensionados ou vivenciados no interior de narrativas literárias. Ao longo da história do pensamento ocidental, essa relação assumiu diferentes configurações, ora marcada por aproximações, ora por desconfiças, como se observa, por exemplo, na crítica platônica à poesia e, simultaneamente, no uso recorrente de mitos e imagens para a exposição de ideias filosóficas (Chauí, 2002; Albuquerque, 2020). Longe de se restringir a uma função ilustrativa, a literatura pode operar como um espaço de experimentação conceitual, no qual problemas filosóficos ganham densidade existencial e afetiva (Pimenta, 2019; Silva, 2019).

Nesse horizonte, obras literárias que abordam temas como o sentido da vida, a liberdade, o sofrimento e a finitude frequentemente dialogam com tradições filosóficas específicas, ainda que nem sempre de forma explícita ou sistemática. É nesse contexto que se insere o romance *A Biblioteca da Meia-Noite*, de Matt Haig (2021), cuja narrativa acompanha a trajetória de Nora Seed, uma personagem atravessada por arrependimentos, frustrações e pela sensação de que sua vida falhou em oferecer um sentido digno de ser vivido. Diante desse cenário, o romance mobiliza questões centrais da condição humana, especialmente aquelas relacionadas à busca por significado em um mundo marcado pela incerteza e pela contingência.

Partindo dessa constatação, o presente artigo tem como problema de pesquisa a seguinte questão: em que medida o romance *A Biblioteca da Meia-Noite* pode ser interpretado como uma narrativa literária que reelabora e incorpora elementos centrais da filosofia do absurdo de Albert Camus? Embora existam análises que reconheçam a dimensão existencial da obra de Haig, ainda são escassos os trabalhos que a examinam de forma sistemática à luz do pensamento camusiano, particularmente a partir dos conceitos de absurdo, suicídio e revolta, desenvolvidos em *O Mito de Sísifo* (Camus, 2017a). Identifica-se, assim, uma lacuna interpretativa no que diz respeito ao diálogo mais rigoroso entre o romance contemporâneo e essa tradição filosófica específica.

O objetivo deste artigo é, portanto, analisar como *A Biblioteca da Meia-Noite* dialoga com a filosofia do absurdo, evidenciando de que maneira a trajetória de Nora Seed pode ser compreendida como uma dramatização literária das tensões descritas por Camus entre o desejo humano de sentido e a indiferença do universo. Busca-se demonstrar que o romance não apenas tematiza o desespero existencial e a ideia do suicídio, mas também aponta para uma forma de afirmação da vida que se aproxima da noção camusiana de revolta, entendida como uma resposta lúcida e não escapista ao absurdo da existência.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter teórico-interpretativo, que articula a análise conceitual da filosofia de Albert Camus, com base sobretudo em *O Mito de Sísifo* (2017a), à leitura crítica do romance *A Biblioteca da Meia-Noite* (Haig, 2021). A análise fundamenta-se em revisão bibliográfica e em uma leitura hermenêutica da obra literária, buscando identificar convergências, ressonâncias e limites interpretativos entre o texto filosófico e a narrativa ficcional.

O artigo está estruturado em três momentos. No primeiro, apresenta-se o conceito de absurdo na filosofia de Albert Camus, destacando seus principais pressupostos e implicações. No segundo, discute-se a centralidade da questão do suicídio e a noção de revolta como resposta ética e existencial ao absurdo. Por fim, no terceiro momento, analisa-se como esses conceitos se manifestam na narrativa de *A Biblioteca da Meia-Noite*, evidenciando os pontos de convergência entre a filosofia camusiana e a trajetória da protagonista, bem como os limites e especificidades dessa interlocução.

Albert Camus e sua filosofia do absurdo

Albert Camus foi um filósofo, escritor e jornalista nascido na Argélia. Ocupa um lugar central no pensamento filosófico do século XX, sobretudo por suas reflexões acerca da condição humana em um mundo marcado pela ausência de sentido transcendente. Entre suas obras mais conhecidas destacam-se *O Estrangeiro* (2018), *A Peste* (2020) e *O Mito de Sísifo* (2017a), texto no qual Camus sistematiza sua filosofia do absurdo. Longe de propor um sistema filosófico fechado, seu pensamento se estrutura a partir de uma atitude existencial diante da vida, marcada pela lucidez e pela recusa de explicações metafísicas reconfortantes.

De modo geral, a filosofia camusiana parte da constatação de uma tensão fundamental: o ser humano deseja compreender o mundo, atribuir-lhe sentido e encontrar fundamentos últimos para sua existência, enquanto o universo permanece indiferente a essas exigências. Segundo Bispo e Rosa (2013), essa discrepância entre a busca humana por significado e o silêncio do mundo constitui o núcleo do pensamento de Camus. Silva (2019) acrescenta que o absurdo não se refere simplesmente à ausência de sentido, mas à experiência consciente dessa ausência, vivida como contradição insolúvel entre expectativa e realidade.

Em *O Mito de Sísifo*, Camus define o absurdo como o sentimento que emerge desse confronto. “Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário, é propriamente o sentimento de absurdo” (Camus, 2017a, p. 15). Trata-se, portanto, de uma experiência relacional: o absurdo não está nem exclusivamente no ser humano, nem no mundo tomado

isoladamente, mas no encontro entre um sujeito que interroga e um mundo que não responde. Essa relação produz um sentimento de estranhamento, no qual a realidade perde sua aparência de familiaridade.

Camus descreve esse processo como a descoberta da “estranheza do mundo”, quando o cotidiano deixa de ser automático e passa a ser questionado. Aquilo que antes era vivido de maneira irrefletida torna-se objeto de inquietação, revelando a fragilidade das explicações que sustentavam a sensação de sentido. Conforme analisa Bernardo (2020), esse momento marca uma ruptura decisiva: o colapso das ilusões que organizavam a experiência humana e ofereciam uma segurança existencial, ainda que precária.

Diante dessa ruptura, muitas tradições filosóficas e religiosas buscaram restabelecer um sentido por meio de construções metafísicas. Camus, entretanto, recusa tais soluções. Em *O Mito de Sísifo*, ele critica pensadores como Kierkegaard, Chestov e Jaspers, argumentando que o recurso à fé constitui uma forma de evasão diante do absurdo. Para o filósofo, aceitar um sentido transcendente significa negar a própria experiência do absurdo, reconciliando artificialmente o ser humano com um mundo que, em sua perspectiva, permanece essencialmente opaco. “Um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar” (Camus, 2017a, p. 15), afirma ele, sugerindo que a explicação, ainda que falsa, protege o indivíduo do confronto direto com a falta de sentido.

Assim, a filosofia do absurdo não se limita à constatação da ausência de sentido, mas envolve uma tomada de consciência que coloca o ser humano diante de uma escolha ética e existencial: como viver sabendo que o mundo não oferece respostas últimas?

Suicídio e Revolta² em Albert Camus

É a partir da constatação do absurdo que Albert Camus introduz o problema do suicídio, considerado por ele o único problema filosófico verdadeiramente sério. Em *O Mito de Sísifo*, o filósofo afirma: “Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (Camus, 2017a, p. 13). Tal afirmação desloca o suicídio do campo estritamente psicológico, moral ou sociológico e o reinscreve no centro da reflexão filosófica, na medida em que envolve um juízo radical sobre a validade da própria existência.

² Embora a revolta seja um tema presente em diversas obras de Albert Camus, como *O Homem Revoltado* (2017b) e *A Peste* (2019), neste texto a análise será feita exclusivamente com base em *O Mito de Sísifo* (2017a), onde o autor desenvolve sua reflexão sobre o absurdo e a resposta humana a ele.

Para Camus, o suicídio aparece como uma possibilidade concreta quando o indivíduo se depara com a ruptura entre seu desejo de sentido e o silêncio do mundo. A percepção da inutilidade aparente das ações cotidianas, do sofrimento e da repetição mecânica da vida pode conduzir à conclusão de que viver não vale a pena. Nesse sentido, o filósofo observa que “morrer por vontade própria supõe que se reconheceu [...] a ausência de qualquer motivo profundo para viver” (Camus, 2017a, p. 15). O suicídio surge, assim, como uma resposta extrema à experiência do absurdo, entendida como tentativa de escapar da tensão insuportável entre o apelo humano por significado e a indiferença do universo.

Contudo, embora Camus reconheça a coerência interna dessa escolha, ele se recusa a aceitá-la como solução filosófica legítima. Para o autor, o suicídio não resolve o problema do absurdo, mas o elimina ao custo da própria consciência que o percebe. Conforme analisa Silva (2025), ao optar pela morte, o indivíduo renuncia à liberdade de sustentar o confronto com o absurdo e abdica da possibilidade de uma resposta ética à sua condição. O suicídio, portanto, configura-se como uma fuga, não como um enfrentamento.

Essa crítica se estende também àquilo que Camus denomina suicídio filosófico, isto é, às tentativas de superar o absurdo por meio da fé, da esperança ou de explicações metafísicas. Ao recorrer a uma transcendência que promete sentido último à existência, o ser humano negaria a experiência concreta do absurdo, reconciliando-se artificialmente com um mundo que permanece essencialmente opaco. Nesse sentido, Camus questiona se o absurdo exige que escapemos dele “pela esperança ou pelo suicídio” (Camus, 2017a, p. 16), respondendo negativamente a ambas as alternativas.

Reconhecer que a vida carece de sentido transcendente não implica, portanto, a necessidade de abandoná-la. Ao contrário, exige uma postura de lucidez e fidelidade à experiência vivida. O absurdo não deve ser dissolvido nem negado, mas sustentado conscientemente. É nesse ponto que Camus introduz a noção de revolta como resposta ética e existencial à condição absurda.

A revolta, para Camus, consiste em um confronto permanente com o absurdo, no qual o indivíduo afirma a vida sem recorrer a ilusões metafísicas ou à negação da própria existência. “Uma das poucas posturas filosóficas coerentes é a revolta, o confronto perpétuo do homem com sua própria escuridão” (Camus, 2017a, p. 49). Diferentemente do suicídio, que encerra a tensão, a revolta a mantém viva, transformando-a em força vital e em princípio ético de ação.

Essa postura não promete redenção, reconciliação ou sentido último. Pelo contrário, ela se funda na aceitação radical da condição humana, marcada pela finitude, pela contingência e

pela ausência de garantias transcendentais. Segundo Azevedo (2017), a revolta camusiana rejeita tanto a resignação passiva quanto a esperança metafísica, instaurando uma ética da lucidez, na qual o ser humano assume plenamente sua liberdade e responsabilidade diante do mundo.

Assim, viver de maneira revoltada significa afirmar a vida não apesar do absurdo, mas por meio dele. Ao sustentar conscientemente essa tensão, o indivíduo recusa tanto o desespero do suicídio quanto o conforto ilusório da transcendência. A revolta camusiana não elimina o sofrimento nem promete felicidade, mas confere à existência uma dignidade própria, fundada na decisão contínua de viver, apesar do absurdo.

Ecos da Filosofia de Camus em *A Biblioteca da Meia-Noite*

A interlocução entre filosofia e literatura manifesta-se de modo particularmente expressivo no romance *A Biblioteca da Meia-Noite*, de Matt Haig (2021), sobretudo na maneira como a narrativa encena, em chave ficcional, dilemas centrais da filosofia do absurdo formulada por Albert Camus. A trajetória da protagonista, Nora Seed, pode ser lida como uma dramatização literária da experiência absurda, marcada pelo sentimento de inadequação diante do mundo, pela percepção da inutilidade aparente da existência e pela sensação persistente de fracasso em encontrar um sentido que justifique a vida.

Desde o início do romance, Nora é apresentada como uma personagem atravessada por arrependimentos e por uma profunda insatisfação com sua própria história. As escolhas feitas ao longo da vida aparecem, retrospectivamente, como erros irreversíveis, responsáveis por uma existência vivida sob o signo da perda e da frustração. Esse acúmulo de fracassos percebidos conduz a protagonista a uma crise existencial que culmina na tentativa de suicídio, gesto que estabelece um diálogo direto com o problema filosófico central de *O Mito de Sísifo* (Camus, 2017a). Assim como em Camus, o suicídio surge no romance como resposta à constatação de que a vida, tal como vivida, parece não valer a pena.

A Biblioteca da Meia-Noite, espaço liminar entre a vida e a morte, emerge como um dispositivo narrativo altamente simbólico. Trata-se de um lugar onde Nora tem acesso a inúmeras versões possíveis de sua própria existência, cada uma delas resultante de escolhas diferentes daquelas que realizou. Cada livro da biblioteca corresponde a uma vida alternativa, aparentemente mais bem-sucedida, mais feliz ou mais significativa do que a vida que levou. No entanto, à medida que a personagem percorre essas possibilidades, torna-se evidente que a multiplicação das escolhas não conduz à plenitude existencial como ela desejou.

Essa dinâmica narrativa explicita uma intuição central da filosofia camusiana: a de que a falta de sentido não decorre de escolhas específicas, mas da própria condição humana. Assim como em Camus (2017a), o romance sugere que a busca por um propósito absoluto ou por uma vida ideal é, em última instância, fadada à frustração. Mesmo quando Nora experimenta vidas que, em princípio, parecem mais bem-sucedidas, o sentimento de vazio persiste, revelando que nenhuma configuração existencial é capaz de eliminar definitivamente a experiência do absurdo (Bispo; Rosa, 2013).

A trajetória da protagonista evidencia, portanto, que o problema não reside em ter escolhido “mal”, mas na expectativa de que alguma escolha pudesse garantir sentido pleno, felicidade duradoura ou reconciliação total com a existência. Nesse ponto, o romance se aproxima diretamente da crítica camusiana às ilusões metafísicas e às promessas de sentido último. A biblioteca, longe de oferecer uma solução para o sofrimento de Nora, funciona como um espaço de confronto com a contingência radical da vida e com a impossibilidade de uma existência perfeita.

Entretanto, esse diálogo com Camus não ocorre sem tensões significativas. Enquanto Camus (2017a) sustenta o absurdo como uma condição irreduzível, que deve ser assumida sem reconciliação, o romance de Haig (2021) conduz a personagem a uma reaproximação afetiva com a vida. A aprendizagem existencial de Nora não se dá pela afirmação trágica do absurdo, mas pela valorização do presente, das pequenas experiências cotidianas e dos vínculos afetivos. A decisão de continuar vivendo assume, assim, um tom mais conciliatório, que suaviza o radicalismo da ética camusiana da revolta diante do absurdo.

Nesse sentido, pode-se afirmar que *A Biblioteca da Meia-Noite* (Haig, 2021) reinscreve a filosofia do absurdo em uma chave narrativa menos trágica e menos conflitiva. A revolta, tal como formulada por Camus (2017a), aparece no romance não como confronto permanente com a falta de sentido, mas como uma aceitação possível da vida em sua imperfeição. Ainda assim, ao abdicar da busca por uma vida ideal e escolher viver sem a promessa de um sentido transcendente, Nora realiza um gesto que ressoa com a ética camusiana: a afirmação da vida diante de sua precariedade.

Dessa forma, o romance de Matt Haig não apenas dialoga com a filosofia do absurdo, mas a reconfigura no interior de uma sensibilidade contemporânea, marcada por uma ênfase maior na reconciliação subjetiva do que no enfrentamento trágico. Essa tensão entre radicalidade filosófica e suavização narrativa constitui um dos elementos mais fecundos da

interlocução entre *A Biblioteca da Meia-Noite* e o pensamento de Albert Camus, abrindo espaço para uma leitura que reconhece tanto as convergências quanto os limites dessa aproximação.

Além disso, a própria estrutura narrativa de *A Biblioteca da Meia-Noite* reforça a problemática do absurdo ao submeter a protagonista a um movimento reiterativo de expectativa e frustração. Cada nova vida acessada por Nora carrega inicialmente a promessa de reparação do passado e de superação do sofrimento, mas rapidamente revela novas formas de insatisfação, angústia e perda. Esse movimento cíclico evidencia que o sofrimento não é contingente a uma escolha específica, mas estrutural à experiência de existir. Tal dinâmica aproxima-se da imagem de Sísifo, mobilizada por Camus (2017a), condenado a empurrar eternamente a pedra montanha acima apenas para vê-la rolar novamente, sem finalidade última.

Nesse sentido, a biblioteca pode ser compreendida como uma metáfora do próprio desejo humano de sentido, funcionando como um espaço onde a esperança de uma vida plenamente realizada é continuamente reativada e, logo em seguida, frustrada. Diferentemente de uma narrativa de redenção, o romance insiste em mostrar que a multiplicidade de possibilidades não dissolve o vazio existencial. Ao contrário, quanto mais Nora explora as alternativas, mais evidente se torna a impossibilidade de uma vida isenta de sofrimento, conflito ou perda. Essa constatação dialoga diretamente com a afirmação camusiana de que o absurdo nasce do confronto entre o apelo humano por sentido e o silêncio do mundo (Camus, 2017a).

Entretanto, enquanto em Camus (2017a) o reconhecimento do absurdo conduz à exigência de uma revolta permanente, no romance de Haig (2021) esse reconhecimento opera de maneira distinta. A experiência de Nora não a conduz a um enfrentamento contínuo da falta de sentido, mas a um processo de aceitação progressiva da imperfeição da existência. O que se transforma ao longo da narrativa não é o mundo, nem a condição humana, mas o modo como a personagem se relaciona com suas expectativas. Ao abandonar a busca por uma vida ideal, Nora passa a valorizar a contingência, a finitude e o caráter incompleto da experiência humana.

Esse deslocamento revela uma diferença importante entre a ética camusiana e a proposta narrativa de Haig. Em Camus, a revolta é marcada por uma tensão que jamais se resolve, uma recusa constante de reconciliação com o mundo. Já em *A Biblioteca da Meia-Noite*, a decisão de viver aparece associada a uma reconciliação afetiva com a própria história, ainda que imperfeita. A revolta, nesse contexto, assume contornos menos trágicos e menos conflituosos, aproximando-se de uma ética da aceitação e do cuidado consigo.

Tal diferença não invalida o diálogo com Camus, mas o complexifica. O romance não contradiz frontalmente a filosofia do absurdo, mas a reinscreve em uma sensibilidade

contemporânea, marcada pela valorização da saúde mental, da autocompreensão e da reconstrução subjetiva. A ausência de sentido não é negada, mas suavizada por meio da ênfase nas pequenas experiências, nos vínculos afetivos e na possibilidade de ressignificação do cotidiano. Esse movimento pode ser lido como um deslocamento do absurdo do plano ontológico para o plano existencial e psicológico.

Ainda assim, é importante destacar que a decisão final de Nora de retornar à sua vida original não se fundamenta na descoberta de um sentido transcendental ou de uma verdade última sobre a existência. Ao contrário, trata-se de uma escolha feita apesar da ausência de garantias. Ao aceitar viver sem a promessa de uma vida perfeita, a personagem realiza um gesto que ecoa, ainda que de forma atenuada, a ética camusiana da afirmação da vida diante do absurdo. Viver, nesse contexto, não é resultado de uma certeza, mas de uma decisão.

Dessa forma, *A Biblioteca da Meia-Noite* pode ser compreendida como uma narrativa que traduz o problema filosófico do absurdo para uma linguagem literária acessível ao público contemporâneo, preservando seu núcleo conceitual, mas modulando suas implicações éticas. O romance não elimina o absurdo, mas o torna habitável, oferecendo ao leitor uma experiência de reconhecimento e identificação que difere da dureza trágica proposta por Camus. Essa diferença, longe de empobrecer o diálogo, evidencia os modos distintos pelos quais filosofia e literatura elaboram uma mesma questão fundamental: como viver quando o mundo não oferece respostas definitivas.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo analisar em que medida o romance *A Biblioteca da Meia-Noite*, de Matt Haig, pode ser interpretado como uma narrativa literária que reelabora e incorpora elementos centrais da filosofia do absurdo de Albert Camus. Partindo da constatação de que a obra mobiliza temas como o sentido da vida, o sofrimento, o suicídio e a escolha de continuar vivendo, buscou-se investigar se e como esses elementos dialogam com os conceitos formulados por Camus, especialmente em *O Mito de Sísifo*.

Ao longo da análise, foi possível identificar convergências significativas entre a trajetória de Nora Seed e a experiência do absurdo tal como descrita por Camus. A crise existencial da protagonista, marcada pela percepção da inutilidade de suas escolhas e pela sensação de fracasso diante da própria vida, culmina na tentativa de suicídio, gesto que remete diretamente ao problema filosófico considerado central pelo pensador franco-argelino. Nesse

sentido, o romance dramatiza literariamente o confronto entre o desejo humano de sentido e a indiferença do mundo, núcleo da filosofia do absurdo.

A Biblioteca da Meia-Noite, enquanto dispositivo narrativo, revelou-se um espaço simbólico fundamental para essa interlocução. Ao permitir que a personagem experimente múltiplas versões de sua própria existência, o romance evidencia que a multiplicação das possibilidades não conduz à superação do vazio existencial. Tal dinâmica reforça a ideia, cara a Camus, de que a falta de sentido não decorre de escolhas individuais equivocadas, mas constitui uma condição estrutural da existência humana. A análise mostrou que, mesmo diante de vidas aparentemente mais bem-sucedidas, o sentimento de insatisfação persiste, confirmando a impossibilidade de uma vida plenamente reconciliada com o ideal de sentido absoluto.

Entretanto, o estudo também evidenciou tensões importantes entre a filosofia camusiana e a proposta narrativa de Haig. Enquanto Camus sustenta o absurdo como uma condição irreduzível e recusa qualquer forma de reconciliação com o mundo, o romance conduz a protagonista a uma reaproximação afetiva com a vida, marcada pela aceitação de sua imperfeição e pela valorização do presente. A revolta, nesse contexto, assume contornos menos trágicos e menos conflituosos do que aqueles formulados por Camus, aproximando-se de uma ética da aceitação e da ressignificação subjetiva.

Essa diferença não invalida o diálogo entre o romance e a filosofia do absurdo, mas o complexifica. *A Biblioteca da Meia-Noite* não reproduz a ética camusiana em sua radicalidade, mas a reinscreve em uma sensibilidade contemporânea, na qual a afirmação da vida passa menos pelo confronto permanente com o absurdo e mais pela reconstrução da relação do sujeito consigo mesmo e com suas expectativas. Ainda assim, ao recusar a promessa de um sentido transcendente e ao escolher viver apesar da ausência de garantias últimas, a decisão final de Nora Seed ressoa, ainda que de forma atenuada, com a ética camusiana da afirmação da vida.

Dessa forma, conclui-se que o romance de Matt Haig pode ser compreendido como uma obra que dialoga de modo fecundo com a filosofia do absurdo, ao mesmo tempo em que a desloca e a reconfigura no interior da linguagem literária e das demandas existenciais contemporâneas. Ao colocar em cena o problema do suicídio, a experiência do absurdo e a decisão de continuar vivendo, *A Biblioteca da Meia-Noite* contribui para a atualização literária de questões filosóficas fundamentais, evidenciando o potencial da literatura como espaço privilegiado de experimentação e problematização da condição humana.

Por fim, este estudo reforça a relevância do diálogo entre filosofia e literatura como campo de investigação capaz de ampliar a compreensão de conceitos filosóficos para além de sua formulação teórica, permitindo que sejam vivenciados, tensionados e ressignificados no interior da ficção. Nesse sentido, a leitura camusiana de *A Biblioteca da Meia-Noite* não se apresenta como uma interpretação exaustiva, mas como uma possibilidade analítica entre outras, abrindo caminho para investigações futuras que explorem novas interlocuções entre pensamento filosófico e narrativa literária contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Alana Soares. “Por uma ficção científica ou uma ciência ficcional: jogos e disputas entre ficção, ciência e filosofia”. *Khronos - Revista de História da Ciência*, n. 9, p. 146-162, jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/khronos/article/view/171850>. Acesso em: 2 mar. 2025.

AZEVEDO, Pedro Israel Saraiva de. *Do absurdo à revolta em Albert Camus*. 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

BERNARDO, Carlos Eduardo. *Miséria e grandeza do humano absurdo: uma antropologia filosófica presente na obra de Albert Camus*. 2020. 117 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

BISPO, Milene Fontes de Menezes; ROSA, Roberto Sávio. “O Mito de Sísifo: a decisão de viver ou suprimir a vida”. *Filosofando: Revista de Filosofia da UESB*, v. 1, n. 2, p. 18-26, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/filosofando/article/view/2134>. Acesso em: 7 mar. 2025.

CAMUS, Albert. *A Peste*. Tradução de Valerie Rumjanek. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CAMUS, Albert. *O Estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2017a.

CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2017b.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

HAIG, Matt. *A biblioteca da meia-noite*. Tradução de André Czarnobai. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

PIMENTA, Alessandro. “Proximidades entre Filosofia e Literatura”. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 6, n. 1, p. 10-19, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1133>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SILVA, André Rodrigues da. “Uma contextualização filosófica sobre a filosofia do absurdo de Albert Camus e a sua contribuição para a literatura”. *Enciclopédia Pelotas*, v. 5, p. 101-122, inverno 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Enciclopedia/article/view/9346>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SILVA, Evaldo Sampaio da. “Filosofia é Literatura? Literatura é Filosofia?” *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 183-197, 2019. Disponível em:

https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/28506. Acesso em: 4 mar. 2025.